



II Simpósio Pós-Estruturalismo e Teoria Social: Ernesto Laclau e seus Interlocutores
25 a 27 de setembro de 2017
Pelotas/RS – Brasil

Grupo de Trabalho 3: Teoria do Discurso, Ciência e
Tecnologia

Diálogos possíveis entre Teoria das Representações Sociais e
Pós-Estruturalismo

Ricardo Cortez Lopes
Licenciado em Ciências Sociais, Mestre e Doutorando em Sociologia
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
E-mail: rshicardo@hotmail.com





Diálogos possíveis entre Teoria das Representações Sociais e Pós-Estruturalismo

Ricardo Cortez Lopes

RESUMO:

Este artigo busca refletir sobre uma barreira que se estabelece entre duas escolas de pensamento. A primeira delas é a escola pós-estruturalista, que contesta a epistemologia mais clássica moderna, em específico a representação antiga-medieval-moderna de conhecimento. A segunda delas é uma vertente de estudos mais recentes sobre representações, a Teoria das Representações Sociais (TRS), inaugurada pelo psicólogo social francês Serge Moscovici. Detectamos que a (a) a crítica à representação do pós-estruturalismo pode acabar por criar um estigma da TRS e (b) o relativismo do pós-estruturalismo pode acabar por afastar a metodologia da TRS, que compara os múltiplos saberes com os contextos como forma de se obter um painel mais amplo sobre diferentes grupos humanos. Essas duas barreiras podem impedir sínteses muito interessantes para a teoria social como um todo. Argumentamos, nesse espaço que aspectos não determinísticos da teoria das representações sociais, tal como a ideia de polifasia cognitiva e da segmentação do social podem contribuir para aproximações: a TRS obtém alguma teoria social mais robusta e o pós-estruturalismo constrói um procedimento mais sistemático após o operar o seu desconstrucionismo.

PALAVRAS-CHAVE: teoria das representações sociais; pós-estruturalismo; crítica à representação.

INTRODUÇÃO

Atualmente, uma ideia sobre o pós-estruturalismo é veementemente negada por alguns pensadores, que afirmam que seu relativismo desconstrucionista pode pôr a perder algumas conquistas do Ocidente Moderno que, segundo estes, se apresentam objetivamente a partir de conquistas da civilização. O embate teórico fica



mais tenso quando os pós-estruturalistas muitas vezes precisam lidar com espantalhos - ao mesmo tempo que os criam também, algo que acirra os ânimos também. Essas constantes disputas podem ter criado uma espécie de má vontade mútua entre autores pós-estruturalistas e pensamentos que não desconstróem completamente as escolas de pensamento anteriores.

Nesse cenário, sínteses podem ser lidas como concessões mais do que como uma atividade de enriquecimento teórico com o intuito de melhor se apreciar a complexidade do mundo empírico. Um caso muito emblemático nesses debates é o da Teoria das Representações Sociais (TRS): isso porque a crítica à Representação (DE CARVALHO SOUZA, 2003) é o primeiro passo para se engendrar uma atitude epistemológica pós-estruturalista. O que, de imediato, induz alguns pós-estruturalistas a torcer o nariz para essa abordagem.

Neste artigo, portanto, primeiramente vamos estudar o pós-estruturalismo como corrente intelectual e atitude epistemológica, conhecendo alguns de seus pressupostos. Após esse momento, o nosso enfoque mais detido será em um de seus postulados: a Crítica à Representação, para entender melhor onde se forma o ponto crítico que pode conduzir à estigmatização da TRS. Por fim, vamos abordar a TRS com vistas a refutar - total ou parcialmente - a binariedade excludente estabelecida.

PÓS-ESTRUTURALISMO

O pós-estruturalismo se desenha, ao mesmo tempo, como uma crítica radical e uma continuidade temporal. Essa aparente contradição está na ideia de que o pós-estruturalismo se vincula ao Estruturalismo sem adotar uma “conexão oculta”:

O pós-estruturalismo, de uma forma geral, pode ser compreendido como uma corrente de pensamento intimamente vinculada ao Estruturalismo Francês - movimento que gozou de grande prestígio no clima intelectual da primeira metade do século XX, sobretudo na França. O “pós” de pós-estruturalismo pode ser concebido, ao mesmo tempo, como ruptura e continuidade. Por um lado, os pós-estruturalistas rompem com a perspectiva transcendental através da qual os estruturalistas abordavam as estruturas ausentes da realidade; por outro lado, “mantém ainda a compreensão estruturalista do sujeito,



concebendo-o como um elemento governado por estruturas e sistemas” [...] (COSTA, FRANCKINI, 2014: 33)

A crítica do pós-estruturalismo aponta inconsistências no Estruturalismo, principalmente por conta de o segundo lançar mão da utilização de alguns traços positivistas em sua epistemologia:

A crítica desenvolvida por Derrida foi fundamental para o desenvolvimento do pós-estruturalismo. Na verdade, podemos dizer inclusive que o referido artigo do filósofo francês é um dos que inaugura o movimento pós-estruturalista. Cabe ressaltar aqui um ponto importante: se o pós-estruturalismo da “primeira geração” - composto por intelectuais como Derrida, Julia Kristeva e Roland Barthes - consistia, praticamente, numa crítica interna ao estruturalismo tradicional, logo, o movimento adquiriu novas nuances (COSTA, FRANCKINI, 2014: 34)

A partir dessas definições, podemos perceber que há uma continuidade, mas ela é, pa mais um prolongamento a partir da crítica. É uma crítica ao saber dado como possível e universal, que está presente por trás do mundo sensível e orienta a sua configuração. Uma teleologia, nesse caso, se mostra impossível e improvável (PETERS, 2000). Por isso, o foco do pós-estruturalismo deve ser em uma dimensão menor: a micro (DOSSE, 1993), ele se basta por si só. O foco dos autores passa a ser, então, nos micro poderes, no local.

Contudo, para “montar” essa percepção, é preciso primeiramente executar um rompimento com o que guiou epistemologias anteriores, que é a Representação. Chamamo-las de Representações *per se*, porque ela se basta por si mesma e não deia espaço para além dela mesma.

CRÍTICA À REPRESENTAÇÃO *PER SE*

A partir de alguns autores mais divulgados, arriscamo-nos a dizer que, basicamente, o pós-estruturalismo está preocupado com (a) criticar a representação *per se* e com (b) desconstruir a herança moderna ocidental. Pensa que: “[os] limites do conhecimento têm um papel inevitável em seu âmago” (WILLIAMS, 2012: 1). Esse



limite de conhecimento rompe com a segurança que a representação *per se* afirma conseguir alcançar de maneira inequívoca e acumulada - seja pela tradição, seja pela ciência. A representação *per se* é determinística: pensa que a mente consegue selecionar e perceber as estruturas da realidade e, assim, descrevê-las, tornando a linguagem um sinônimo da realidade. Não é necessário refletir-se ou problematizar sobre o modo como se está obtendo esse conhecimento, dado que ele é obtido a partir da acumulação de conhecimento por parte dos antepassados ou por parte dos avanços da ciência.

Embora a obra de Foucault seja um libelo contra a representação *per se* como um todo, podemos nos focar em um fragmento no qual a temática aparece mais detidamente. Nele, o autor analisa com bastantes detalhes a pintura de Diego Velázquez (1599-1660), chamado de as Meninas, exposta em 1656 no Museu do Prado, na Espanha.

A presente descrição aparece no famoso livro “As palavras e as coisas”, bem no início:

Foucault inicia o livro com uma densa descrição de uma pintura do século XVII, Las Meninas de Velázquez, interpretados em termos de sujeito e de representação. A interpretação foucaultiana para essa obra funciona como uma espécie de alegoria para uma primeira tematização do modo como se configura o saber na época clássica, a idade da representação e na época moderna, a idade do homem, deste ser em que se torna conhecimento do que se torna possível todo o conhecimento e que aparece no traçado do pensamento moderno, realizado por Foucault, como uma dobra, como um estranho duplo empírico-transcendental, uma vez que é, a um tempo, sujeito, condição de possibilidade do pensamento, e objeto, já que é na sua dimensão empírica que se dá o conhecimento, tal como se configurou na modernidade. Com efeito, analisando Las Meninas, Foucault demonstra, de um lado, o modo como estão representados, nesse quadro, todos os temas da noção clássica de representação e, de outro lado, o modo como determinadas instabilidades implícitas nessa materialização do discurso da época clássica na obra analisada como se renunciavam o aparecimento do homem na configuração do saber da modernidade (DE CARVALHO SOUZA, 2003: 117)

A obra de arte, então, assume uma condição de ilustrar uma transição. Ela sedimenta uma série de noções antigas e medievais e as torna visíveis a partir da



representação que o pintor tencionou produzir. A partir dela, é possível analisar de maneira sistemática

[...] o estabelecimento, ao longo da idade clássica, de uma espécie de incompatibilidade entre a visibilidade do representante e do representado, os quais não se podem mostrar ao mesmo tempo. Isso porque, analisada no nível arqueológico, a época clássica apresenta um tipo de pensamento situado inteiramente no nível da representação, no qual não há uma diferença de nível entre sujeito e objeto no pensamento. O sujeito é mais uma representação e a representação ainda não é objeto (DE CARVALHO, 2003: 119)

Essa idade clássica é descontinuada com a episteme moderna, quando a representação se torna objeto de pensamento, para além de ser uma estrutura de mundo, como ocorria na concepção clássica:

[...] Foucault estabelece descontinuidades, no nível arqueológico, entre as epistemes clássica e moderna. De acordo com Foucault, na época clássica, a representação ainda não foi tornada objeto do pensamento, tal como ocorre na disposição moderna do saber, quando se introduz o tema do sujeito transcendental no pensamento (DE CARVALHO, 2003: 126)

A descontinuidade está na revolução copernicana, quando a representação passa a ser objeto de estudo para a ciência (DE FIGUEIREDO, 2005). Isso é simbolizado pela pressuposição, no quadro, de um expectador - porque em pinturas filiadas a perspectiva antiga não se pressupunha o observador, mas sim a situação em si. Na pintura de Velázquez, o observador e o pintor estão no quadro. O que problematiza a representação para além de mostrá-la:

Esse ponto exterior ao quadro, ideal, em relação ao ali representado, é perfeitamente real, uma vez que é a partir dele que se torna possível toda a representação. Ele pode ser interpretado como sendo o lugar do sujeito moderno, E, nessa sua realidade de condição de possibilidade da representação, esse ponto não pode deixar de ser invisível (DE CARVALHO, 2003: 128)

Mas o fato de a representação moderna ser auto reflexiva não implica na sua suficiência, não a torna *Episteme* (com E maiúsculo). O que mostra isso é a



genealogia, que aponta para a existência dessas verdades estabelecidas historicamente. Dado que uma análise global aponta para descontinuidades e não para acumulações, o contexto reduzido passa a ser o maior interesse, é ele que pode apontar para os micro poderes para, assim, emancipar o sujeito de fato.

Mesmo que as representações coletivas durkheimianas não fossem totalmente coincidentes com a representação *per se*, elas parecem ter absorvido parte da inconsistência dessa representação. De modo que:

Contudo, na França, a força de suas teorias [as de Durkheim] não sobreviveria para muito além dele próprio, morto em 1917. Ao contrário, viriam a ser bastante criticadas e nas décadas de 50 e 60 quase abandonadas; quando, então, foram resgatadas, justa e ironicamente, pela psicologia social [porque Durkheim queria delimitar a Sociologia da Psicologia] de Serge Moscovici, com a publicação de *La psychanalyse – son image e son public* (DE PAULA, 2012: 91)

Esse declínio coincidiu, ao menos temporalmente, com a formulação e com o consequente sucesso do pós-estruturalismo. Isso não implica afirmar que há aqui uma relação de causa-efeito direta, com o pós-estruturalismo “silenciando” a TRS. Mas podem ser, muito bem, processos paralelos que possuam algum tipo de conexão, e que nos informa bastante sobre o contexto intelectual da época, mais receptivo a algumas abordagens teóricas do que à outras.

TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: PONTOS DE ROMPIMENTO COM A REPRESENTAÇÃO *PER SE*

Não é possível afirmar que exista uma ruptura total e irrestrita entre uma representação *per se* e uma representação social. Afinal, ambas acreditam que exista uma duplicata de um referente - mesmo que a TRS afirme que é possível gerar-se diferentes representações de um mesmo referente, algo que a representação *per se* não admite a partir de seu monismo.

Todavia, podemos, preliminarmente, afirmar que, de algo estabelecido (e imanente), a representação social é uma categoria analítica mais do que êmica para a TRS. Por poder abrigar diferentes conteúdos, ela é criticável. Do ponto de vista



epistemológico, isso é um grande rompimento com a representação *per se*, que não admite uma crítica da representação. Mais ainda há mais outros dois rompimentos.

O primeiro deles é o foco no cotidiano e nas suas relações. As representações coletivas Durkheimianas surgem dos momentos de crise, com a deliberação espontânea que conduz a novos ideais. Mas as representações sociais, por outro lado, são maneiras de interpretação que dotam o indivíduo de ferramentas conceituais que o ligam, ao mesmo tempo, ao seu grupo. De maneira semelhante à representação coletiva e ao próprio desconstrucionismo, a representação *per se* também lida com uma transcendência no cotidiano, a partir dos discursos engendrados pelas instituições de poder e pela biopolítica.

Mas, para além de se referir ao cotidiano, as TRS não são também teleológicas - tal como é a representação *per se*. Não há uma evolução pré-determinada das mentes que aderem às representações, porque o foco não é neste processo global que abarca toda a humanidade. O objeto de investigação são as representações sociais como entidades autônomas: elas podem conviver sem haver uma estratificação - como propõe a teoria dos três estados comteana, que pensa um estado teológico, metafísico e positivo (RIBEIRO JUNIOR, 2009: 8). Na TRS, essa característica das representações são chamadas de polifasia cognitiva:

[...] formas diferentes são capazes de coexistir no mesmo contexto, no mesmo grupo social ou no mesmo indivíduo. Sujeitos fazem uso de uma forma ou outra de saber, dependendo das circunstâncias particulares em que eles se encontram e dos interesses particulares que possuem em determinado tempo e lugar. A polifasia cognitiva refere-se, pois, a um estado em que diferentes tipos de saber, possuindo diferentes tipos de racionalidades, vivem lado a lado no mesmo indivíduo ou coletivo (JOVCHELOVITCH, 2011: 125)

Por fim, um outro rompimento da TRS com as representações *per se* é a questão da segmentação da sociedade. A representação *per se*, ao determinar o que é saber e o que é não-saber, dualiza a sociedade entre aqueles que sabem e aqueles que não sabem. Mas a TRS, que é herdeira das Representações Coletivas de Émile Durkheim, já enxerga a complexidade e a multiplicidade justamente através da percepção das diferentes representações:



[...] a extensão explicativa do conceito de representações coletivas à sociedade ocidental da época em que foi proposto (início do século passado) poderia parecer suficiente, dada a ainda relativa integridade das religiões e de outros sistemas unificadores. Entretanto, nas sociedades contemporâneas, que se caracterizam pela multiplicidade de sistemas políticos, religiosos, filosóficos e artísticos e pela rapidez na circulação das representações, se impõem ao exame sob uma perspectiva psicossociológica (DE SOUSA, MOREIRA, 2005: 93)

Ou seja, se a representação *per se* não aprecia uma trajetória própria e não pensa seus antecedentes epistemológicos – por conta da sua noção de acumulação dar a falsa ideia de continuidade, já a TRS se reconhece como herdeira em uma tradição de pensamento mais longeva. Assim, ela enxerga a si mesma como uma construção social e viabiliza a diferença entre representações, ditas no plural. Nesse sentido, uma proximidade com o pós-estruturalismo fica bem evidenciada, talvez indicando a influência de uma teoria na outra. Algo que não encontramos na revisão bibliográfica como fato e que gostaríamos de explorar como possibilidade.

COMO ARTICULAR AS DUAS VERTENTES: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos o pós-estruturalismo; vimos a representação *per se*, e, em seguida, como a TRS não se identifica completamente com ela, embora tenha alguns pontos de confluência. Cabe agora finalizar o texto com uma proposta teórico-metodológica de articulação entre o pós-estruturalismo e a TRS.

O desconstrucionismo, quando restrito a crítica à representação *per se*, pode conduzir a algumas conclusões parecidas com as da TRS, pois enxerga as descontinuidades entre as mentes. Mas também pode ser uma atitude epistemológica do próprio pesquisador dessa segunda teoria, uma vez que ajuda a construir um contexto rico para a polifasia cognitiva. Assim, a representação *per se* consegue ser percebida como um arbitário cultural e não “contamina” os dados como se fosse a representação social “normal”.

Também é possível que o desconstrucionismo, com a sua genealogia, ajude com uma perspectiva mais culturalista da TRS, que torna a representação social



também uma busca anacrônica, e não apenas sincrônica com os sujeitos de pesquisa. Atitude que permite que se reflita também sobre a sedimentação de representações nos sujeitos, fazendo que com a TRS possa conhecer uma teoria social mais robusta do que a mera suposição da interação.

Do outro lado, as TRS também podem produzir articulações fecundas para análises pós-estruturalistas. Isso porque o pós-estruturalismo até menciona os micropoderes, mas sempre os relacionando com os discursos que já estão colocados na dimensão pública e que são subjetivados através de dispositivos socialmente estabelecidos. Mas ainda há essa passagem para a dimensão micro que não fica bem explicitada do ponto de vista metodológico, pois ela parece se derivar da dimensão macro e isso retira um pouco da complexidade do saber cotidiano, feito também do inesperado. Ao pensar a multiplicidade no interior dos grupos, a TRS permite que se perceba também o valor que disparou a ação a partir da interação entre os indivíduos. Para além do assujeitamento, também há uma interpretação do mundo que fica mais comparável pelas unidades de análise chamadas de representações sociais.

Por fim, o desconstrucionismo age satisfatoriamente sobre a representação *per se*, demonstrando seu conteúdo ingênuo. Mas, após a queda desse saber, que transmitia certa segurança, o que se deve fazer? É um pouco o que Sócrates pensava sobre os Sofistas: estes superavam a tradição antiga grega, mas o que colocavam em seu lugar? A TRS, com sua possibilidade comparativa - mesmo que não hierarquizadora - pode ajudar a se traçar tendências mais amplas do que aquelas institucionais ou da sociedade civil (influenciadas por aquelas institucionais). Isso porque: (a) o cotidiano guarda dentro de si possibilidades de representações futuras que podem se tornar hegemônicas em outros momentos – como nos conta Durkheim (1983) ao mostrar que representações cristãs eram periféricas em determinados momentos históricos. E (b): pode complementar o relativismo do pós-estruturalismo, uma vez que o próprio relativismo, na ânsia da incomensurabilidade, pode fazer com o pesquisador desinteresse-se pelo todo e mergulhe demais em seu objeto. O que conduz a um *blasé* em relação a tudo que não diz respeito a ele. A incomensurabilidade pode *até* vir a ser uma realidade última, mas não deve ser um



impedimento para investigações exploratórias, que podem revelar caminhos nunca antes concebidos.

Á guisa de conclusão, podemos retomar nosso intento inicial afirmando que o presente artigo tratou das relações possíveis entre o pós-estruturalismo e a TRS. Mas essas relações não são facilitadas, pois seus adeptos podem criar resistências à essas abordagens por motivos explicitados no decorrer do texto. Aquela que abordamos com mais cuidado foi a crítica à representação, realizada pelo pós-estruturalismo, e que denominamos como representação *per se*. Em seguida, mostramos que a TRS, apesar de ter um ponto de confluência na questão da existência de um referente, possui muito mais diferenças do que semelhanças entre si. Por fim, apontamos para contribuições possíveis de uma abordagem para a outra. Sabemos que esse esforço pode atrair uma série de antipatias de ambos os lados, visto que alguns autores já fazem sínteses semelhantes de maneira não sistemática e, por essa razão, não enxergam tais limitações em suas respectivas teorias. Talvez pensem ter deduzido tal expansão para a teoria abordada, quando na verdade estão fazendo o que propomos nesse artigo de maneira não sistemática.

REFERÊNCIAS

- COSTA, Everton Garcia da; FRANCKINI, Tiago Menna. O fundamento ausente: pós-estruturalismo, pós-fundacionalismo, ironia e democracia. In: MASSAÚ, Guilherme Camargo; RODRIGUES, Léo Peixoto; COELHO, Gabriel Bandeira. **Diversidade Sociológica: facetas da pesquisa em sociologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.
- DE CARVALHO SOUZA, Fabiane Marques. Las Meninas de Velásquez na arqueologia de Michel Foucault. **O que nos faz pensar**, v. 13, n. 16, pp. 117-129, 2003.
- DE FIGUEIREDO, Vinicius Berlendis. **Kant & a crítica da razão pura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- DE PAULA, Celia Regina do Nascimento. Representações sociais e acesso à Justiça. **Confluências**, v. 14, n. 2, p. 87-103, 2012.



DE SOUSA, Célia Maria Soares Gomes, MOREIRA, Marco Antonio. Representações Sociais (Social Representations). In: MOREIRA, Marco Antonio. **Representações mentais, modelos mentais e representações sociais: textos de apoio para pesquisadores em educação em ciências**. Porto Alegre: Instituto de Física UFRGS, 2005.

DOSSE, François. **História do estruturalismo: I. O campo do signo, 1945/1966**. São Paulo: Ensaio, 1993.

DURKHEIM, Émile. **Lições de sociologia: a moral, o direito e o estado**. São Paulo : T. A. Queiroz, Editora da Universidade de São Paulo, 1983.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

PETERS, Michael. **Pós-Estruturalismo e filosofia da diferença**. São Paulo: Autêntica, 2000.

RIBEIRO JUNIOR, João. **O que é positivismo**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

WILLIAMS, James. **Pós-estruturalismo**. Editora Vozes Limitada, 2012.